

CAPA

Cristina Brattig Almeida.
Minotauro II.
Cerâmica canadense com modelagem manual com queima em alta temperatura. Incrustação de detalhe da peça em ouro por A. Vanderlinde. Cabos de aço. para sustentação aérea. Dimensões: 52x20x10 cm.
2024.
Fotografia: Carlos Pontalti



A chamada para o **dossiê O belo exige nossa atenção**, sob a organização de Sandra Makowiecky (UDESC) e Luana M. Wedekin (UDESC), apresentava uma questão objetivando obter algumas respostas acerca do **Belo**. Este é o terceiro número da revista dedicado às categorias estéticas, tendo sido antecedido pelas categorias do **Grotesco** (2023) e do **Trágico** (2024). Cabe reproduzir o texto da chamada no editorial.

[...] O que é certo, portanto, é que a obsessão desse olhar — a soberania da imagem — não cessará, mesmo se a semelhança interminável seja uma interminável falha, uma interminável lacuna, portanto uma interminável infelicidade (Didi- Huberman apud Antelo, 2011, p. 9).

A frase de Didi- Huberman dita em um programa radiofônico em 2004, em Paris e com tradução Maria José Werner Salles, foi citada por Raul Antelo no artigo *Me arquivo* (2011). Existe, sabemos, uma obsessão do olhar, uma soberania da imagem por coisas belas. Mas o que é o belo?

Concordamos com a proposição de Sócrates (personagem do diálogo platônico), de uma inesperada não definição: “aquilo que é belo é difícil” (Platão, 2016). Talvez haja poucas coisas na arte mais complexas e intrigantes do que esses conceitos, em frase que pode sugerir a interpretação do “belo” como algo de que não se pode dar uma definição universal e inteligível.

Para Paul Valéry (1960), a natureza da beleza reside na impossibilidade de sua definição; beleza é exatamente “o inefável”. Os gregos já diziam isso.

Athur Danto, em *O abuso da beleza* (2015), apresenta a evolução do conceito de beleza durante o último século. Mostra que ela foi removida da definição de arte: antes era quase unânime que o propósito final

de uma obra de arte era ser bela; no século XX, essa ideia foi refutada e a beleza destronada, chegando, em alguns casos, a ser considerada um crime estético. Para Danto, a beleza não deve ser a finalidade da obra de arte, e muito menos ser evitada.

Em *Ao mesmo tempo*, Susan Sontag escreve um ensaio chamado *Uma discussão sobre a beleza* (2008, p.19-29). Para a autora, à medida que a postura relativista, em questões culturais, aumentou a pressão sobre os antigos juízos, as definições de beleza – descrições da sua essência – tornaram-se mais vazias. A beleza não podia mais ser algo tão positivo como a harmonia.

Roger Scruton, no livro *Beleza* (2013), defende que a beleza é um valor real e universal ancorado em nossa natureza racional, que o senso do belo desempenha papel indispensável na formação do nosso mundo. Para o autor, que lida com o conceito de beleza em termos filosóficos, julgá-la é algo que diz respeito ao gosto, e o gosto talvez não tenha algum fundamento racional. No prefácio do livro aponta-nos o caminho, afirmando que a beleza pode ser reconfortante, perturbadora, sagrada e profana; pode revigorar, encantar, atemorizar. Mas jamais é vista com indiferença; exige nossa atenção. O que você teria a dizer sobre o belo que exige nossa atenção?

Ao analisar os textos que atenderam a chamada, verificamos que existe muita dificuldade em assumir o belo como categoria estética, como já desconfiávamos. Para tanto, concordando com os autores já citados, retomamos possíveis explicações nos caminhos da história da arte. No século XX, a beleza deixou de ser um valor moral tão importante quanto a verdade e a bondade, e a arte passou a focar em quebrar tabus morais. A maior parte dos artigos de fato, desejava quebrar tabus e colocavam a beleza como um “tabu”, seguindo ainda uma tendência da arte moderna.

A arte moderna é uma história de rupturas. Comprometida com a precipitação do novo, ancorado no futuro, seu mecanismo de desdobramento interno consiste em estabelecer, através do corte com o passado, novos percursos. A arte moderna é a institucionalização da ruptura enquanto busca da história, da sua própria história (Makowiecky; Raffaelli, 2000, não paginado).

As artes plásticas do final do século XIX se apresentam, aos olhos da contemporaneidade, como o momento de adesão de uma nova trajetória, que viria a se constituir, ao longo do século XX, como arte moderna e que continua da mesma forma, em novas reformulações, até mais radicais, no século XXI.

A soberania da subjetividade, enquanto agente da verdade, é a grande questão moderna (Doctors, 1990). Com essa extrema subjetividade, ocorre a morte da mimesis (ou a morte do naturalismo) em arte; o esvaziamento do quadro enquanto representação da exterioridade, o campo plástico delimitado como política voltada para si, a ruína do belo enquanto valor moral, resumem rapidamente o estabelecimento da expressividade do sujeito enquanto liberdade. Verdade e liberdade atuando no mesmo campo, devido à subjetividade. Daí a sagração da subjetividade. A ruptura é pensada como o motor da história da arte, cuja história indica um campo da verdade, onde sujeito e liberdade se encontram (Makowiecky, Raffaelli, 2000, não paginado). Não aceitar a beleza, parece, passou a ser uma forma de mostrar que sujeito e liberdade se encontram.

Uma frase muito definidora do que estamos tentando explicar é aquela que André Breton deixou ao final de seu livro *Nadja*: “A beleza, ou será convulsiva, ou não será” (2012, p. 146). Esse princípio estético condensa o impacto imprescindível à condição surreal, mas também, numa escala maior, aponta para o mecanismo que ativa a essência do ato

criador. A afirmação de Breton diz respeito a uma beleza que é dinâmica, uma beleza que vem da loucura, do instinto, do abandono, contrária à ideia de beleza harmônica e racional. O surrealismo tem seu primeiro grito nessa declaração, explicando em parte sua adoção para dizer o que se entendia por ato de subversão criativa. Esta era uma declaração de guerra à noção estética que via a beleza como contemplativa e um refúgio da vida, um oásis de perfeição em um mundo áspero e feio.

Entendemos que dizer que a beleza estava na vida não significava fechar os olhos diante da miséria e da desgraça da vida da maior parte das pessoas; pelo contrário. Todavia, para André Breton, a vida era mais do que a simples soma de suas manifestações externas, e tendências artísticas como o realismo e o naturalismo não estavam sendo realistas o suficiente pois ignoravam amplamente as outras dimensões da vida - o reinado interior dos sonhos e da imaginação. Esta era a realidade a partir da qual poderia surgir uma nova concepção de beleza e da relação entre arte e vida. Todos esses argumentos se solidificam nos séculos XX e XXI, em que as rupturas, o reinado interior dos sonhos e da imaginação e a soberania da subjetividade imperam e com eles, a ruína do belo enquanto valor moral.

A beleza e seus conceitos é um tema atual. De novembro de 2024 a março de 2025, o Louvre abrigou uma exposição chamada *De todas as belezas!* que buscou mostrar como conceito de beleza mudou radicalmente ao longo dos séculos e apresentou obras que refletiam sobre percepção e idealização da aparência. A mostra contou com 108 obras de arte que abrangeram mais de 10 mil anos de história visando ajudar a compreender e decifrar a beleza, suas práticas, representações e seu papel desde a pré-história e nas diferentes culturas. Havia no propósito dos idealizadores, a ideia de criar a beleza que move o mundo, essa vontade de democratizar e narrar a beleza, a sua pluralidade, o seu papel desde que a humanidade existe. Há milênios os humanos reverenciam a beleza. Sempre atual, o tema se expressa através da arte, na natureza e

nas obsessões por um padrão estético. A exposição levou os visitantes a uma viagem guiada para conhecerem e explorarem ações, rituais, objetos e práticas que mulheres e homens associaram à beleza ao longo de mais de 10 mil anos de história. Também questionaram as nossas identidades ou a criação dessas identidades mostrando como a ideia sobre as aparências mudou ao longo das civilizações.

Sabemos que ao longo da história, as civilizações adotaram o que chamamos de cânones de beleza, idealizações do que é belo. Mas estes cânones de beleza mudam de uma civilização para outra, de uma época para outra e de uma área geográfica para outra. As obras reforçaram a ideia de que a beleza transcende fronteiras culturais e temporais e concentrou-se em gestos, rituais, práticas e visões idealizadas de beleza. Educadores defenderam a exposição, destacando a importância de debater a questão dos “padrões de beleza” através da arte ou de redes sociais, pretendendo tornar a diversidade mais acessível a todos por meio da arte (Stravacas, Carvalho, 2025).

Apesar de ser tema muito atual e de nossa crença, tal como Roger Scruton (2013), de que o belo é um valor real e universal ancorado em nossa natureza racional, que o senso do belo desempenha papel indispensável na formação do nosso mundo, as resistências em falar sobre belo e beleza foram muitas. Observamos que, muitas vezes, o remédio para enfrentar o dilema consistiu em atacar padrões ditos universais/ocidentais, ao invés de tornar a diversidade mais acessível a todos por meio da arte, com visões e obras que ampliassem o conceito na contemporaneidade. Para estimular a reflexão, o dossiê apresentava uma pergunta: “O que você teria a dizer sobre o belo que exige nossa atenção?”

Podemos dizer que o texto que mais se aproximou das nossas inquietações e formulando possíveis respostas foi o de Marcelo Moraes Caetano, intitulado *Tradição e contradição: ensaio sobre as tenacidades da beleza*, que ao apresentar uma genealogia do Belo, mostrando origem, evolução e disseminação do conceito através dos tempos, nos diz

que a arte é uma forma de linguagem que fala da dignidade humana, que a tradição e a contradição rondam em volta desse tema e mostram a tenacidade de sua permanência, ou seja, a tenacidade do belo com o sentido da vida e sua indissolubilidade com a condição humana. O autor finaliza: “Se reformularmos a pergunta antropológica básica, podemos chegar a uma resposta cabível. Pensadores de milênios têm questionado, infatigáveis: o que diferencia o ser humano dos outros animais?”. E ensaiou uma resposta: “é em grande parte a capacidade humana de construir consciência a respeito da vivência do e no belo”.

Vera Pugliese e Atena Pontes de Miranda investigaram o tema do belo em *Escultura antiga e cinzelamento do corpo da mulher no magazine Marie Claire, durante a ocupação nazista de Paris*. As autoras analisaram os padrões de beleza – e os papéis sociais da mulher – disseminados pelos meios de comunicação de massa, especialmente as revistas ditas femininas-, no período em que a França foi ocupada pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. A abordagem inclui uma contundente análise de imagens especialmente da revista Marie Claire, sob o argumento de que a noção de beleza apresentada nas revistas femininas da época remonta aos valores materializados na escultura da antiguidade greco-romana. As autoras desvendam através de montagens de imagens da revista o processo de emergência de uma “representação prescritiva do corpo da mulher”, que vai conjugar elementos icônicos da história da arte com teorias de morfologia médica.

Com Luana M. Wedekin e Camilla Vieira de Aquino Mio, em *Espaços de contemplação e beleza: a figura ensimesmada em pinturas de Pedro Weingärtner*, percebemos que a resposta à pergunta formulada reside no fato de que “no mundo contemporâneo, com a predominância da tecnologia e as milhares de distrações que oferece, a possibilidade de experienciar verdadeiro ensimesmamento se torna cada vez mais reduzida”. As autoras chamam a atenção à beleza da absorção, de estar

presente em si mesmo, perdido na temporalidade; à beleza do cotidiano, do mundo natural, da realidade. Concordamos com o texto, que diz que “o pintor trouxe beleza a uma cena corriqueira e eternizou ações momentâneas, já que o estado de ensimesmamento é fugaz. Mas, de qualquer maneira, “a beleza mais emocionante é a efêmera” (Sontag, 2007, p. 9).

No artigo *Institucionalização da arte feminina: estudo de caso entre a Última Ceia de Leonardo da Vinci e obra de Elvira Freitas Lira*, as autoras Victoria Teixeira Andrade e Cristina Susigan buscam refletir sobre a questão do belo a partir de incorporações, na arte contemporânea, da *Última Ceia* de Leonardo Da Vinci. As autoras realizam um apanhado iconográfico do tema do evangelho e avaliam criticamente um episódio de censura em contexto brasileiro contemporâneo de uma releitura da artista pernambucana Elvira Freitas Lira. Para Andrade e Susigan, o belo na arte contemporânea “está no modo que a obra chega ao sujeito, e não no objeto em si. Ou seja, ver a beleza oculta que a arte proporciona”.

Em outra perspectiva, Danielle Rocha Benício e Marco Antônio Garcia Gava, no artigo *O legado das artes da Ordem Franciscana na cidade de São José/SC: a beleza em prol do apostolado*, buscam registrar e avaliar o trabalho da Ordem Franciscana na cidade de São José, em Santa Catarina, no que diz respeito à disseminação de valores católicos através da arte e da arquitetura nos quais o belo está indissociavelmente ao bom e ao verdadeiro. Essa dimensão do belo estaria materializada na Igreja Matriz de São José sob a administração da Ordem Franciscana. O artigo documenta em texto e rica narrativa imagética o processo pelo qual esse legado foi sendo paulatinamente substituído por intervenções que teriam descaracterizado seus elementos de identidade local, além de arrefecerem uma experiência artística que promovia um “encontro com o Eterno”.

Júlia Almeida de Mello, Rosely Kumm, José Cirillo problematizam o belo associado ao corpo nu feminino na história da arte em *Despindo a beleza: (des)construções do olhar em torno do corpo feminino na arte*.

Apresentam um breve panorama da constituição do nu feminino na tradição pictórica ocidental até sua desconstrução com os trabalhos de artistas mulheres da década de 1960. As autoras e o autor apresentam diversas artistas da vanguarda que vão tomar seus corpos não mais como objetos a serem contemplados por um espectador idealmente masculino, mas como agentes de ação para “despir” a beleza. Desta forma, discorrem sobre como “As práticas artísticas contemporâneas não apenas confrontam a visão hegemônica, mas também ampliam os horizontes para novas narrativas e representações inclusivas, libertando a corporeidade feminina dos grilhões históricos”.

O artigo de Lúcia Schneider Hardt, *Por uma pedagogia da atenção: outros modos de ver e avaliar o belo na educação*, persegue a ideia de que “a beleza tem morada na educação”. Pergunta-se: “a beleza tem morada na educação? Existiria um componente eterno? Qual o impacto do efêmero na educação? Qual beleza andamos procurando? Estaríamos ainda com medo do que é passageiro? O devir nos inquieta?” E busca responder a estas questões através do pensamento dos filósofos Friedrich Nietzsche, Friedrich Schiller, Byung-Chul Han, e da escritora brasileira Clarice Lispector. Das reflexões estimuladas por estes autores, Hardt afirma: “temos mais beleza na escola do que podemos ver”.

Um *insight* para o fato de que muitos artigos submetidos ao dossiê não enfrentaram de fato a questão do belo, também nos veio de uma situação doméstica. Ana Alice, sobrinha de uma das organizadoras do dossiê, folheando as obras *História da Beleza* (2013) e *História da Feiura* (2015), de Umberto Eco, perguntou: *Tia Lu, por que tem tanta feiura no livro da beleza?* Era um paradoxo espantoso identificado por uma (bela) menina de 6 anos. A história da arte ocidental está plena de exemplos que ensinam pelo contraste: para apreciar o belo, é preciso reconhecer o feio.

Nas respostas à pergunta do dossiê, o que chamou mais a atenção dos autores foi uma beleza a ser denunciada, despida, descaracterizada, difamada. Ainda assim, gostaríamos de ecoar o Príncipe Míchkin, personagem título da obra *O idiota*, de Fiódor Dostoiévski (2020 – Originalmente de 1869). Uma réplica para a questão que colocamos está num diálogo do livro, no qual um interlocutor questiona o protagonista: “Príncipe, é verdade que o senhor disse uma vez que a ‘beleza’ salvará o mundo?” Dostoiévski não revela o que disse Míchkin, ele apenas emenda a resposta da boca do mesmo interlocutor: “Senhores – gritou alto para todos -, o príncipe afirma que a beleza salvará o mundo!” (p. 426).

REFERÊNCIAS

ANTELO, R. Me arquiv. **Boletim de Pesquisa NELIC**. v.11, n. 16, 2011-1. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/article/view/1984-784X.2011v11n16p04/18460>. Acesso em: 10 fev. 2021.

BRETON, André. **Nadja**. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

DANTO, Arthur. **O abuso da beleza**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

DOCTORS, M. A verdade e o sujeito. **Revista Galeria**, São Paulo: Casa Editorial Paulista (18), 1990, p.35-40.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **O idiota**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2020.

ECO, Umberto. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

ECO, Umberto. **História da feiura**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

MAKOWIECKY, S.; RAFFAELLI, R. Sobre a representação da natureza na pintura ocidental: mimesis e *disegno* interno. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, UFSC, número 11, novembro de 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosde-pesquisa/article/view/1693/4392>. Acesso em 13 mar.2025

SCRUTON, Roger. **Beleza**. São Paulo: É Realizações, 2013.

SONTAG, Susan. Uma discussão sobre a beleza. In: SONTAG, Susan. **Ao mesmo tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 19-29.

SONTAG, Susan. **Ao mesmo tempo**: Ensaios e discursos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

STRAVACAS, Y.; CARVALHO, R. Exposição no Louvre mostra como conceito de beleza mudou radicalmente ao longo dos séculos. 07/01/2025. Disponível em < <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2025/01/07/exposicao-no-louvre-mostra-como-conceito-de-beleza-mudou-radicalmente-ao-longo-dos-seculos.ghtml>>. Acesso em 10 jan.2025

PLATÃO. Hípias Maior. In: **Diálogos**. Tradução, notas e comentários de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2016. p. 233–272.

VALÉRY, Paul. **Oeuvres II**. Paris: Gallimard, 1960.